

OTELO NA REVOLUÇÃO (5)

Dúvidas cada vez maiores

Em 10 de Novembro de 1975, encontrando-se o general Otelo de visita ao Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha, entendeu que seria útil conceder ao *Diário de Lisboa* uma longa entrevista de carácter vincadamente pessoal, quase íntimo, durante a qual referiria:

A minha visita pelas unidades da Região Militar de Lisboa, e que eu depois queria ver se conseguia estender às outras regiões militares, insere-se em todo um programa de esclarecimento que eu estou a desenvolver com os oficiais, sargentos e praças dessas mesmas unidades e tentar motivá-los para que abandonem o velho hábito capitalista de não ligar absolutamente nada ao que se vai passando pelo País, mas tentar motivá-los para que cada um, passando à disponibilidade, o que está a acontecer agora com grande frequência, ser realmente um agente revolucionário, levar as ideias da revolução, na perspectiva que eu lhes dou da possibilidade de construção de um socialismo de base autêntico em Portugal, para o seu local de trabalho, quando regressar à vida civil, para a sua aldeia, para a sua terra, para o seu círculo de amigos.

Depois, interrogado acerca da sua ausência da reunião do Conselho da Revolução que se estava a realizar àquela hora, o general Otelo revelou que já uns dias antes tinha referido ao general Costa Gomes que perdera totalmente o interesse pelas reuniões do CR, e acrescentou:

Estou até na disposição de não ir a mais nenhuma reunião, enquanto essas mesmas reuniões não se debruçarem sobre os problemas reais deste país, sobretudo problemas de direcção político-militar, que não existe. As reuniões do Conselho da Revolução têm sido catastróficas sob esse ponto de vista, até porque têm sido limitadas a ataques pessoais sucessivos, mútuos, em que todos se entrechocam entre si na divergência de opiniões, e eu não estou para perder o meu tempo com Conselhos da Revolução que de revolução têm muito pouco.

Após estas explicações, tendo-lhe sido perguntado se este seu desinteresse pelo CR significava a adopção de uma posição nova, Otelo produziu este significativo desabafo:

No meio disto tudo, **há sempre uma angústia muito grande**, pelo menos em relação àquilo que eu penso. Tenho pensado sempre o seguinte: será que eu estou dentro da razão, que eu estou a pensar de uma forma correcta, que o socialismo que eu gostaria de ver construído é realmente o que é viável para este País, [ou] seja, o país real em que vivemos, o povo que nós temos? Ou será que eu estarei enganado, profundamente enganado em todo este processo e serão os outros que têm razão? Esta, sempre, **a dúvida consciente que eu ponho a mim próprio**.

E pergunto também sempre a mim mesmo, qual é realmente o povo que me apoia. Porque, eu sei, é evidente, não poder ser a totalidade do povo português. Será 50 por cento do povo que está comigo, que pensará como eu, **que está à espera que eu defina muito concretamente aquilo que penso**, e esse povo

aceitará aquilo que eu penso? Qual será realmente, em percentagem, a quantidade de povo que concordará perfeitamente com a forma como eu encaro a construção do socialismo em Portugal?

A angústia que eu tenho é muita e não posso de forma alguma fazer um plebiscito, como está fazendo o Sr. Almirante Pinheiro de Azevedo, indo por diversas partes do País plebiscitar – que é um tipo de plebiscito que também não diz nada. Porque uma manifestação que se faça, mesmo que tenha 200 mil pessoas, contrariando ou favorecendo aquilo que eu possa pensar, diz-me muito pouco.

É aí que eu me vou inserir uma vez mais na cruel indefinição do processo político em Portugal. É que se todos pensássemos da mesma maneira, então poderíamos pensar que realmente tudo está correcto e que essa era a definição. Mas havendo uma divergência tão grande de opiniões, terei de ser obrigado a pensar que estou errado e que os meus pontos de vista, sendo contrariados por alguém que pertence também ao 25 de Abril, que fez comigo o 25 de Abril, poderão estar enganados. **É sempre uma dúvida muito grande que eu tenho.**

Otelo parecia falar mais como ‘líder supremo da revolução’ do que como comandante de uma estrutura militar subordinada a um poder político. Seguidamente, sendo-lhe perguntado como sentira o ambiente à sua volta no contacto que tivera com os trabalhadores da CUF, respondeu:

Como disse na altura, senti-me perfeitamente bem, como se estivesse em minha casa, como se estivesse junto da minha família. De forma inequívoca, sem dúvida alguma. Agora, eu também penso que há enormes massas trabalhadoras que se manifestam, perante mim, ou através de diversas formas, o seu total desagrado até pela minha presença no posto de comando que eu ocupo. Porque um PS, um PPD, ou outros partidos políticos, quaisquer que sejam, têm também as suas massas trabalhadoras, não sei se as têm, mas também têm gente que trabalha, e que manifesta, portanto, o seu repúdio perante as posições que eu tomo. É a isso que quero referir-me quando digo que gostaria de plebiscitar as minhas opiniões para saber, destes nove milhões de portugueses, quantos é que apoiam as posições que eu tenho e quantos é que manifestam o seu repúdio pelas minhas posições. Isto para mim continua a ser uma cruel indefinição e a **dúvida crucial** que tem existido neste processo.¹

É perfeitamente notória a importância que Otelo dá à sua figura no contexto da revolução. A frequência com que diz EU em vez de NÓS e busca uma legitimação numérica das suas posições políticas – que, depois, confessa serem amarguradas dúvidas – faz dele uma espécie de *Condestável da Revolução*, tão bondoso como indeciso, posto ao serviço de um *Príncipe* que gostaria de imaginar como o seu *alter ego*. Mas esta entrevista, na sua incomensurável candura, é já o testamento político antecipado e a oração de despedida do “capitão” que Abril fizera general.

Já perto do FIM, Otelo ainda vai deixar uma mensagem na sua qualidade de comandante do COPCON. A ocasião surge quando, para explorar o sucesso obtido com a manifestação dos trabalhadores da construção civil que havia cercado o Palácio de S. Bento, se anuncia, para o dia 16 de Novembro, outra grande manifestação, em Lisboa, organizada pelo Secretariado

¹ *Diário de Lisboa*, 11-11-1975, p. 12. Sublinhados nossos.

Provisório das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, em que uma das palavras de ordem era “Pinheiro de Azevedo, o Povo não tem medo!” Durante a realização da mesma – considerada a maior concentração humana desde o 1.º de Maio de 1974 –, foi lida uma mensagem de Otelo, na qual afirmava:

Ausente de Lisboa, mas acompanhando emocionado pela televisão a grandiosa manifestação do autêntico povo que trabalha, e, agora sim, transforma o Terreiro do Paço em Terreiro do Povo, enche-me o coração com a enraizada certeza de que a revolução socialista portuguesa jamais morrerá, contra o ódio de todos os que a querem fazer recuar, contra o temor daqueles que a querem fazer parar, a indecisão e falta de coragem e audácia revolucionária de muitos outros.

A força do povo trabalhador, durante tantos anos explorada, levantar-se-á como um gigante para a conquista da sociedade socialista e da independência nacional que os homens justos e honestos deste país ambicionam para todos os portugueses.

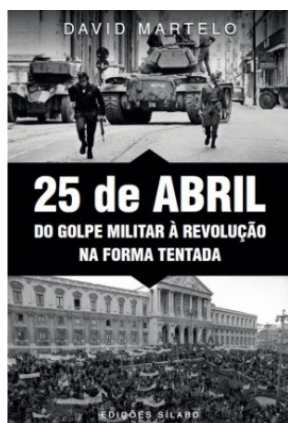
Obrigado, povo amigo! O Otelo está contigo!²

Depois do mundo ter dado muitas voltas, ainda foi possível, em 2009, ouvi-lo afirmar:

Foi o 25 de Novembro que restituiu ao país a pureza dos ideais do 25 de Abril³

David Martelo – Agosto de 2021

Leitura complementar



² *Diário de Lisboa*, 17-11-1975, p. 4.

³ *Público*, 24-04-2009. Entrevista com Paulo Moura.